



# CONHECENDO O PROGRAMA A UNIÃO FAZ A VIDA



COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO  
COOPERATIVA



# ÍNDICE:

APRESENTAÇÃO .....	6
HISTÓRICO DO PROGRAMA.....	8
OBJETIVO DO PROGRAMA.....	9
PRINCÍPIOS.....	9
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL .....	12
FASES DO PROGRAMA .....	12
AGENTES .....	13
PÚBLICOS .....	13
BIBLIOGRAFIA .....	14

Conhecendo o Programa a União Faz a Vida / Fundação SICREDI (coord.), Porto Alegre: Fundação SICREDI, 2008.

14 p. - (Coleção de Educação Cooperativa; v. 1)

1. Educação Cooperativa. 2. Objetivos do Programa. 3. Fases do Programa. 4. Agentes do Programa.  
I. Título. II. Fundação SICREDI.

CDU 37:334

# APRESENTAÇÃO



# APRESENTAÇÃO

O Programa A União Faz a Vida inicia a publicação da Coleção de Educação Cooperativa orientado pelas conquistas ao longo dos anos e por seu desafio em tornar-se nacional.

O Programa A União Faz a Vida apresenta os cadernos que dão início à Coleção de Educação Cooperativa:

- **Conhecendo o Programa A União Faz a Vida:** apresenta objetivo, princípios, agentes e forma de desenvolvimento, destinando-se à leitura de todo e qualquer cidadão.
- **Vivenciando Trajetórias Cooperativas:** conjuga referências teórico-conceituais e metodológicas e repertórios de vivências de atitudes e valores de cooperação e cidadania. Seu público leitor privilegiado são educadores que se engajam na perspectiva cooperativa, sendo apoio no desafio de incluir ou intensificar as práticas cooperativas nos seus cotidianos.
- **Formando Educadores:** traz orientações para a formulação de planos de formação de educadores e tem como público leitor as assessorias pedagógicas responsáveis pela formação dos educadores participantes do Programa.

Através do Programa de Educação Cooperativa A União Faz a Vida, as cooperativas de crédito integrantes do SICREDI reafirmam sua crença de que a construção e vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania contribuem para a formação de cidadãos capazes de empreender e criar, coletivamente, alternativas de desenvolvimento econômico, sócio-ambiental e cultural.



# HISTÓRICO

Na década de 80, o SICREDI contava com mais de 60 cooperativas de crédito que, após terem enfrentado dificuldades relacionadas aos sobressaltos da economia, viviam um período de desenvolvimento. Mas ainda havia desafios a vencer. Num ambiente onde um número expressivo de cooperativas, especialmente as agropecuárias, apresentavam dificuldades econômicas, era preciso garantir a sobrevivência dos empreendimentos cooperativos, ampliando o conhecimento sobre o cooperativismo e a natureza das sociedades cooperativas.

Como forma de enfrentar esses desafios, o SICREDI decidiu pela criação de materiais de divulgação sobre cooperação e cooperativismo e o desenvolvimento de programas de cooperativismo nas escolas, com o objetivo de sensibilizar crianças e jovens para o tema.

O objetivo principal era disseminar o cooperativismo como forma de desenvolvimento.

Após pesquisa junto às organizações relacionadas ao cooperativismo, no Brasil e no exterior, foram encontradas iniciativas que abordavam questões pontuais sobre o cooperativismo, mas nenhum programa específico que pudesse contribuir para o atendimento das necessidades percebidas pelas cooperativas foi identificado.

A avaliação era de que não bastava a simples disseminação de informações sobre o cooperativismo, era preciso ousadia e planejamento para transformar a percepção das pessoas também, sobre a sua capacidade de participar como agentes empreendedores de seu próprio desenvolvimento econômico e social. Na raiz deste problema encontrava-se um regime político e econômico no qual o Estado fora, por mais de 30 anos, o maior empreendedor. Era fácil compreender porque as pessoas que viveram esse período não se apresentavam como participativas e empreendedoras, e sim, individualmente defensoras de seu trabalho ou da sua atividade.

As próprias iniciativas de cooperativismo haviam sido desenvolvidas a partir de financiamento público.

Em 1992, em uma visita às cooperativas de crédito da Argentina e do Uruguai, dirigentes do SICREDI entraram em contato com uma Cooperativa Habitacional nas cercanias de Montevidéu, onde funcionava, também, uma Cooperativa Escola. Impressionados, foram recebidos e guiados por um garoto de 11 anos, presidente da cooperativa, simpático, entusiasmado e demonstrando muito conhecimento sobre cooperativismo.

Esse episódio corroborou com a tese de que era essencial buscar a construção de uma nova cultura sobre cooperação e empreendedorismo. Assim, em 1993, o SICREDI se aproximou do Centro de Desenvolvimento e Pesquisa sobre Cooperativismo da Universidade do Vale do Rio do Sinos – São Leopoldo/RS, com o apoio do Padre Roque Lauchner, então coordenador. A ideia era desenvolver um programa de educação cooperativa, cujo projeto previa a contratação de especialistas nas diversas disciplinas curriculares de ensino, os quais proporiam metodologias que privilegiassem o empreendedorismo e o coletivismo, em substituição à prática individual.

Surgia então a ideia inicial do Programa A União Faz a Vida: em 27 de janeiro de 1994, o Conselho de Administração da Cooperativa Central de Crédito do RS aprovou o cronograma inicial, de acordo com o qual se implantaria o projeto piloto no município de Santo Cristo/RS. A partir daí, as sementes do Programa brotaram e multiplicaram-se. Novos educadores e instituições de ensino superior somaram-se ao Programa e contribuíram com a adesão de novos municípios e novos estados.

Hoje, o Programa atende mais de 1.300 escolas, 15.100 educadores e 165.000 crianças e adolescentes.

Saiba mais no site [www.sicredi.com.br/auniao-fazavida](http://www.sicredi.com.br/auniao-fazavida).

## OBJETIVO DO PROGRAMA

Construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional.

## PRINCÍPIOS

### COOPERAÇÃO CIDADANIA

Os princípios orientam o Programa, projetam sua visão de mundo e a compreensão sobre o modo de organização econômica e social que deseja reafirmar. Nessa perspectiva, é imprescindível que todos os envolvidos com o Programa incorporem esses princípios ao seu cotidiano, pois se acredita que a apropriação de novas posturas e atitudes só ocorre quando elas são vivenciadas no dia-a-dia.



## Cooperação

Nos ambientes educacionais se faz necessário fortalecer as práticas de convivência, incorporando-as ao cotidiano das crianças e adolescentes. É preciso incentivar seriamente a cooperação, o diálogo e o comportamento solidário, especialmente quando se pensa num esforço educacional abrangente que envolve a comunidade, uma educação que investe na formação de consciência coletiva democrática. Nesse caso, a cooperação é essencial, e faz todo o sentido a recomendação de Ortega e Del Rey (2002, p.51), de que "Tudo isso se consegue melhor quando se trabalha em grupo e em cooperação...", alertando que:

*"Não se trata de dissolver o indivíduo num ente desconhecido, chamado grupo, mas de tomar consciência de que a vinculação ao grupo nos aporta à verdadeira dimensão social e ao único referencial real sobre nosso comportamento intelectual, afetivo e moral."*

Para a cooperação – compreendida como forma de construção social do conhecimento – também tem grande importância a comunicação, a documentação, a afetividade e o diálogo. A comunicação permite integrar os conhecimentos apreendidos. A documentação constitui o registro da história que se constrói no dia-a-dia. A afetividade e o diálogo são os principais elos entre os indivíduos e os objetos de conhecimento.

Dito isso, fica claro que não se pode improvisar em termos de cooperação nos ambientes educacionais: ao contrário, as atividades cooperativas devem ser cuidadosamente pensadas e planejadas. Essa lição vem do final do século XIX, quando surgiu a proposta de adotar práticas cooperativas nos ambientes educacionais. Elas tinham como objetivo a formação humanista e buscavam harmonizar as relações sociais estimulando a ajuda mútua. A partir daí, fixaram bases teóricas seguras e forjaram práticas pedagógicas transformadoras, simples de serem colocadas em ação, mas de grande impacto sobre a vida social institucional.

Um primeiro ponto relevante nessa busca é a valorização das crianças e dos adolescentes e de sua formação: o mais importante já não é a acumulação de conhecimentos – mas o processo de construção dos

conhecimentos. O motivo é que assim se pode levar em conta o equilíbrio pessoal e a harmonia social, que vão além do simples acúmulo de conhecimento. Dentro dessa perspectiva inovadora, as crianças e os adolescentes passam a ser o centro da atenção pedagógica. Ocorre uma grande inversão, na qual as crianças e adolescentes deixam o papel passivo, de simples receptores de conhecimento, e passam a ser sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Passa a ser fundamental o reconhecimento de seus desejos, das suas necessidades e interesses, porque é a partir desses desejos, necessidades e interesses que se planejam as ações pedagógicas. E o conhecimento passa a ser fruto da reflexão sobre situações concretas, ou seja, já não é visto como algo externo ao seu meio social. Ao contrário, vem se somar às ações práticas sobre o meio social.

O que se espera, de fato, dessa perspectiva, é que os processos formativos possam viabilizar o profundo desejo de conhecer. Significa, novamente, que as ações cooperativas possam ajudar a constituir ambientes educacionais democráticos, capazes de formar pessoas autônomas para decidirem o seu destino pessoal e coletivo.

## Cidadania

A cidadania é o valor básico de uma sociedade democrática e deve ser entendida como o pleno exercício de direitos e responsabilidades.

Acredita-se que a cidadania só se efetiva quando fundada na simultaneidade e interdependência dos valores éticos de igualdade e equidade, diversidade, liberdade, autonomia e emancipação, participação, solidariedade e relação dialógica, necessários para o desenvolvimento de cidadãos capazes de construir e emprender coletivamente.

A moderna noção de igualdade reconhece que todas as pessoas são diferentes e ao mesmo tempo proclama que todos devem ser tratados como equivalentes. Assim, a igualdade se expressa na ideia de que todos os indivíduos reconhecem e aceitem o direito, a singularidade e a dignidade do outro. Projeta que todas as pessoas são



submetidas à lei e gozam dos mesmos direitos e responsabilidades. A equidade não se efetiva pela simples aplicação de regras de direitos para todos, mas especialmente por meio de ações específicas que consideram a particularidade de pessoas, grupos e territórios.

O respeito à diversidade implica na valorização das diferenças. A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma a dignidade comum a todos como sujeitos de direito, incorporando o reconhecimento da sua diversidade. Expressa o avanço ético de poder perceber que somos iguais e diferentes e que essa ideia não é contraditória. As semelhanças nos unem e as diversidades nos enriquecem.

A liberdade considera cada indivíduo capaz, autônoma e espontaneamente, de escolher seus caminhos. Expressa um direito e uma responsabilidade para todos os cidadãos. Direito, no sentido de poder tomar parte nas decisões que afetam sua vida, e responsabilidade em assumir compromissos frente à sociedade. A autonomia refere-se à ideia de liberdade ou independência moral ou intelectual. É pressuposto da emancipação. Diz respeito a um indivíduo autoreflexivo, senhor de seus próprios atos. Ela é fruto, entre outros elementos, de processos formativos democráticos e da liberdade de ação do indivíduo na vida social.

A participação é fundamental para a cultura da cooperação. A identificação das necessidades, dos caminhos e ações precisa acontecer com o envolvimento de todos os sujeitos. Significa assumir um compromisso consigo e com os outros em torno de um objetivo comum.

Para a construção do ambiente cooperativo, as relações sociais devem se pautar no exercício do diálogo. A relação dialógica garante espaço para contradições e complementaridades inerentes ao ambiente educativo.

O processo de participação, para Bordenave (1994, p.16) é caracterizado por duas dimensões:

*“Uma afetiva: quando participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros. E outra instrumental: participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente do que fazê-las sozinhos.”*

A participação, segundo Lima (2001, p.76), pressupõe também, tipos e

níveis de envolvimento:

*[...] Em termos de mobilização de recursos e vontades convocados/empenhados na tentativa de defender certos interesses e de impor certas soluções [...] em formas de ação e de comprometimento mais ou menos militante [...].*

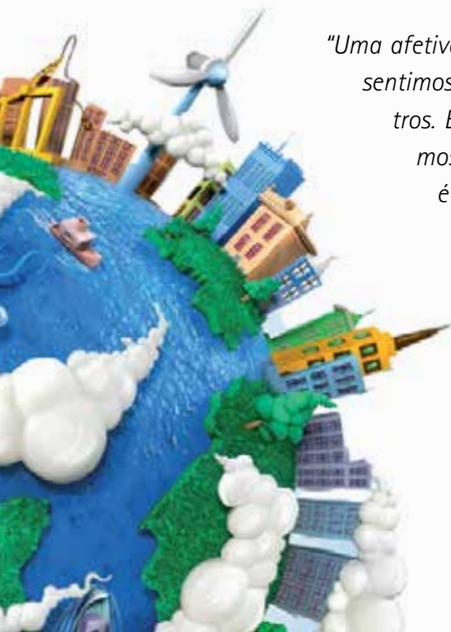
A participação social pode ultrapassar o micro universo das relações sociais locais e passar a promover transformações nos macrorganismos da sociedade, no âmbito político e econômico. Segundo Bordenave (1994, p.25):

*A participação social é a produção de bens materiais e culturais, bem como, sua administração e seu usufruto. [...] O conceito é transferido desse modo, da dimensão superficial do mero ativismo imediatista, em geral, sem consequências sobre o todo, para o âmago das estruturas sociais, políticas e econômicas. [...] Se uma população apenas produz e não usufrui dessa produção, ou se ela produz e usufrui, mas não toma parte na gestão, não se pode afirmar que ela participa verdadeiramente.*

Solidariedade é o sentimento de vínculo à vida, aos interesses e às responsabilidades de um grupo social, de uma nação, ou da própria humanidade. Remete também para a relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo sinta necessidade moral de apoiar o(s) outro(s). Essa perspectiva concebe a solidariedade como uma responsabilidade coletiva e não apenas uma ação espontânea de diferentes grupos sociais.

## CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO INTEGRAL

O Programa A União Faz a Vida contribui com a educação integral de crianças e adolescentes, compreendendo que educar integralmente é formar uma pessoa globalmente, tornando-a apta a participar do mundo em que vive, de modo a realizar e expandir suas necessidades e potencialidades. Essa perspectiva de educar integralmente compreende os sujeitos em suas múltiplas ca-



racterísticas: física, emocional, psicológica, intelectual, cultural e espiritual.

O Programa alinha-se à concepção de educação integral que compreende o indivíduo como um ser uno, indivisível, e em constante desenvolvimento, respeitando e conjugando as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e corporais dos envolvidos na relação educativa. Efetivar a educação integral requer uma prática pedagógica que compreende o ser humano em sua integralidade, diversidade, universalidade e singularidade. Nessa concepção as experiências pessoais de educadores, crianças, adolescentes e o repertório cultural dos sujeitos envolvidos ocupam lugar de destaque.

Outra questão importante é que a educação não acontece exclusivamente na escola. Essa constatação aproxima o Programa do conceito de comunidade de aprendizagem, que pressupõe que todas as pessoas da comunidade participam da educação de crianças e adolescentes, e que neste movimento, também aprendem. Portanto, todos são capazes de aprender e de ensinar. Segundo a educadora Rosa Maria Torres, uma comunidade de aprendizagem:

*“...é uma comunidade humana organizada que constrói um projeto educativo e cultural próprio para educar a si própria, suas crianças, seus jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências, mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências. (TORRES, 2003 p.83).”*

Frente ao desafio de construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, a escola e as diferentes organizações sociais compõem uma rede de possibilidades educativas que, cooperativamente, participam da educação integral.

Na conjugação de esforços para realizar a tarefa de educar integralmente, o Programa A União Faz a Vida estimula a perspectiva metodológica do trabalho com projetos, por meio da qual, educadores, crianças, adolescentes e comunidade vivem uma experiência colaborativa de aprendizagem em que definem o que pretendem fazer, escolhem rotas de pesquisa-ação, discutem responsabilidades, estabelecem cronogramas de ação e desenham claramente aonde querem chegar. Essa metodologia prioriza o diálogo, a troca de saberes, a expres-

são de dúvidas, a resolução de conflitos, a percepção das diferenças. Ou seja, os considera como elementos chave no processo de apropriação e expansão de conceitos, atitudes, valores e competências pessoais e sociais. Um projeto é uma atividade intencional e planejada, e tem objetivos e metas definidas coletivamente que dão unidade às ações. É composto por um conjunto de atividades diversificadas, mas articuladas entre si para que as metas e objetivos sejam alcançados. Tem duração prevista e um resultado final que dá concretude à obtenção da meta, que toma como objeto central os interesses de relevância social e educacional.

## FASES DO PROGRAMA

O Programa A União Faz a Vida inicia-se na fase de Articulação seguida pela de Realização. A partir do terceiro ano, o Programa entra na fase de Desenvolvimento, que é contínua.

ANO 1	ANO 2	ANO 3 EM DIANTE
Articulação		
	Realização	
		Desenvolvimento

### Articulação

É o momento em que a Cooperativa de Crédito do SICREDI e a Comunidade Escolar unem-se pelo interesse em desenvolver o Programa.

Consiste na divulgação das linhas mestras do Programa a partir da promoção de encontros com educadores e a comunidade escolar, com a participação da assessoria pedagógica.

A fase da Articulação culmina com a assinatura do Termo de Cooperação entre o Gestor do Programa – Cooperativa de Crédito – e o Parceiro – Secretaria da Educação e/ou Assistência Social.

### Realização

Nesta fase ocorre a formação dos educadores, planejada na fase da Articulação, desenvolvida pelas asses-

sorias pedagógicas. Trata-se de inserir, intensificar ou expandir no universo educacional do município, as práticas de cooperação e cidadania expressas pelo Programa. As estratégias de formação são atividades vivenciais capazes de promover as práticas cooperativas e a criação de projetos que viabilizem aprendizagens de atitudes e valores de cooperação e cidadania no ambiente educacional. Ao final dessa fase, as escolas e organizações apresentam projetos coletivos que dialogam com as estratégias propostas para a Realização do Programa.

## Desenvolvimento

É a fase de execução dos projetos. Os temas mobilizados serão aqueles de relevância social para a melhoria da qualidade de vida da comunidade e deverão dialogar com o objetivo e princípios do Programa, proporcionando a ação de empreender coletivamente.

Neste período a formação continuada dos educadores terá por objetivo o desenvolvimento dos projetos e seus desafios. Trata-se de expandir as práticas de cooperação e cidadania, promovendo a realização de projetos coletivos envolvendo diferentes atores sociais dentro e fora das instituições educacionais.

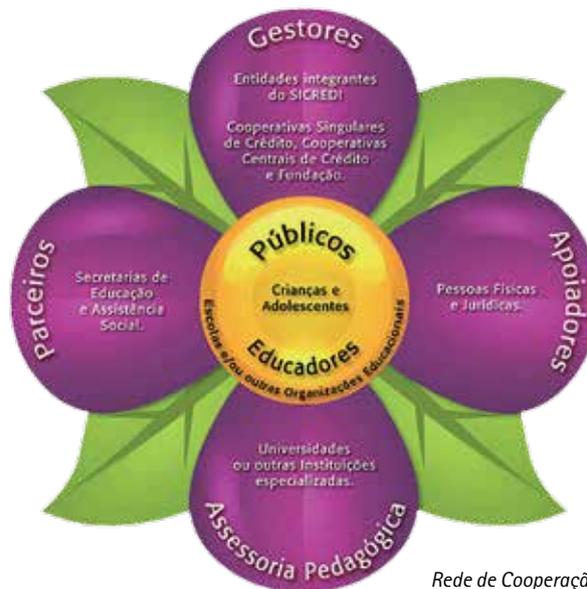
A avaliação do processo e dos resultados orienta os agentes do Programa nas ações dos anos subsequentes.

A fase de Desenvolvimento se perpetua na medida em que a comunidade adere ao Programa.

## AGENTES

Assim como a abelha vale-se da flor para a sua sobrevivência e perpetuação, o Programa A União Faz a Vida depende da rede de cooperação para o seu desenvolvimento. A flor, símbolo da rede, é o conjunto dos agentes necessários para o desenvolvimento do Programa. Suas pétalas são fundamentais e unem-se harmonicamente em torno de um objetivo comum: a educação cooperativa.

- **Gestores:** Agem de forma estratégica, planejam e se articulam em prol do Programa, buscam os parceiros, assessores pedagógicos e apoiadores necessários para seu desenvolvimento.
- **Parceiros:** Têm o papel de implementar as práticas educativas para a construção e vivência de atitudes e valores de cooperação e cidadania.



- **Assessorias Pedagógicas:** têm o papel de promover a formação continuada dos educadores para colocar em prática as atividades e repertórios de cooperação e cidadania. São pessoas (físicas ou jurídicas) comprometidas e reconhecidamente envolvidas com a formação de educadores. Para assumir este papel, as Assessorias Pedagógicas participam de habilitação específica promovida pela Fundação SICREDI.
- **Apoiadores:** a necessária adesão de apoiadores tem por finalidade envolver representantes da comunidade na busca das melhores condições para o desenvolvimento do Programa. Podem atuar em duas dimensões: apoiar o Programa em nível nacional, regional ou local com recursos financeiros, materiais e ou humanos para viabilização das ações do Programa; ou apoiar os projetos Idealizados pelas escolas e organizações parceiras no nível local, disponibilizando recursos e materiais específicos para o desenvolvimento das ações do projeto.

## PÚBLICOS

- **Educadores:** todos os profissionais envolvidos com o processo educativo. São os responsáveis pela adoção das práticas de cooperação e cidadania no ambiente educacional.
- **Crianças e Adolescentes:** O Programa tem como foco principal as crianças e os adolescentes.

## BIBLIOGRAFIA

BORDENAVE, J.E.D. O que é participação. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LIMA, L.C. A escola como organização educativa: uma abordagem sociológica. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Organização escolar e democracia radical. São Paulo: Cortez, 2000.

ORTEGA, Rosário. DEL REY, Rosário. Estratégias educativas para a prevenção da violência. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

TORRES, Rosa Maria. Educação integral no enfrentamento de iniquidades sociais. São Paulo: Mimeo, 2005.

\_\_\_\_\_. A educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem. In: Muitos lugares para aprender. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC. São Paulo: CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003.

## COLEÇÃO DE EDUCAÇÃO COOPERATIVA:

A presente obra foi desenvolvida pelas seguintes organizações: **Fundação SICREDI** (em representação às Cooperativas de Crédito Singulares, Centrais, Confederação e Banco Cooperativo, integrantes ao SICREDI), **Assessorias Pedagógicas** – Instituições de Ensino Superior, **CENPEC** e dos **Parceiros do Programa** (Secretaria de Educação e demais Instituições de Ensino).

### Realização:

Fundação de Desenvolvimento Educacional e Cultural  
do Sistema de Crédito Cooperativo  
Fundação SICREDI

### Coordenação Técnica e Edição:

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,  
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

### Projeto Gráfico e Ilustrações:

Agência Morya

### Diagramação e Finalização:

Publicato Design Editorial  
(51) 3013.1330

*DesignCopyright*® by Fundação SICREDI  
[www.sicredi.com.br/auniaofazavida](http://www.sicredi.com.br/auniaofazavida)  
Porto Alegre, 2009



Programa

# A União Faz a Vida



COORDENAÇÃO TÉCNICA:



**CENPEC** estudos educação  
em pesquisas cultura  
ação comunitária

GESTÃO:

